

Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
(Organizadores)

Educação:

Políticas públicas, ensino e formação

IV



Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira
(Organizadores)

Educação:

Políticas públicas, ensino e formação

IV



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí

Prof. Dr. Alexandre de Freitas Carneiro – Universidade Federal de Rondônia

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Ana Maria Aguiar Frias – Universidade de Évora

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa



Prof. Dr. Antonio Carlos da Silva – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Prof^ª Dr^ª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof^ª Dr^ª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadilson Marinho da Silva – Secretaria de Educação de Pernambuco
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Prof^ª Dr^ª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal do Paraná
Prof^ª Dr^ª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof^ª Dr^ª Lucicleia Barreto Queiroz – Universidade Federal do Acre
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Universidade do Estado de Minas Gerais
Prof^ª Dr^ª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof^ª Dr^ª Marianne Sousa Barbosa – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Prof^ª Dr^ª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pedro Henrique Máximo Pereira – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Prof^ª Dr^ª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^ª Dr^ª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof^ª Dr^ª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof^ª Dr^ª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Educação: políticas públicas, ensino e formação 4

Diagramação: Camila Alves de Cremo

Correção: Yaiddy Paola Martinez

Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga

Revisão: Os autores

Organizadores: Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: políticas públicas, ensino e formação 4 /
Organizadores Américo Junior Nunes da Silva, André
Ricardo Lucas Vieira. – Ponta Grossa - PR: Atena,
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0284-8

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.848221907>

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da
(Organizador). II. Vieira, André Ricardo Lucas (Organizador).
III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

A área de Humanas e, sobretudo, a Educação, vem sofrendo asseverados ataques nos últimos anos, principalmente no que tange ao estabelecer de políticas públicas e valorização de sua produção científica. O cenário político de descuido e destrato com as questões educacionais, vivenciado recentemente e agravado com a pandemia, nos alerta para a necessidade de criação de espaços de resistência. Este livro, intitulado **“Educação: Políticas públicas, ensino e formação”**, da forma como se organiza, é um desses lugares: permite-se ouvir, de diferentes formas, os diferentes sujeitos que fazem parte dos movimentos educacionais.

É importante que as inúmeras problemáticas que circunscrevem a Educação, historicamente, sejam postas e discutidas. Precisamos nos permitir ser ouvidos e a criação de canais de comunicação, como este livro, aproxima a comunidade das diversas ações que são vivenciadas no interior da escola e da universidade. Portanto, os inúmeros capítulos que compõem este livro tornam-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, considerando os diversos elementos e fatores que o intercrossa.

Os/As autores/as que constroem essa obra são estudantes, professores/as pesquisadores/as, especialistas, mestres/as ou doutores/as e que, muitos/as, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos/as autores/as e discussões por eles/as empreendidas, mobilizam-se também os/as leitores/as e os/as incentivam a reinventarem os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva
André Ricardo Lucas Vieira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
POLÍTICAS DE AVALIAÇÃO E FORMAÇÃO DOCENTE: TESSITURAS SOBRE A MENSURAÇÃO DO APRENDIZADO E RENDIMENTO ESCOLAR	
Maria Leonilde da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219071	
CAPÍTULO 2	12
EDUCAÇÃO INFANTIL E ESPAÇOS PARA APRENDER COM LIBERDADE: A REALIZAÇÃO DO SER MAIS	
Monica Abud Perez de Cerqueira Luz	
Flávia Abud Luz	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219072	
CAPÍTULO 3	20
ENSINO-APRENDIZAGEM E POLÍTICAS PÚBLICAS:CONTRIBUIÇÕES DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Cristiane Aparecida Silva Nascimento	
Jair Lopes Junior	
Maria Beatriz Campos de Lara Barbosa Marins Peixoto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219073	
CAPÍTULO 4	27
DA MINHA JANELA EU VEJO O MUNDO INTEIRO!	
Marina Nogueira Gomes Neta	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219074	
CAPÍTULO 5	30
FUNDAMENTOS PARA UMA PROPOSTA DE ENSINO HISTÓRICO-CRÍTICA SOBRE ENERGIA NUCLEAR A PARTIR DO PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO DE SUBMARINOS (PROSUB)	
Israel Silva Figueira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219075	
CAPÍTULO 6	43
FLIPGRID CONTANDO A HISTÓRIA DA MATEMÁTICA	
Ynnes Carolinne Rodrigues Chaves Campagnucci	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219076	
CAPÍTULO 7	47
CRIANÇAS DE QUATRO ANOS PENSAM SOBRE A ESCRITA! NÃO PENSAM?	
Carla Melissa Klock Scalzitti	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219077	

CAPÍTULO 8	56
REVISTA BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E DESPORTOS (1968-1984): A EDUCAÇÃO FÍSICA “EM MARCHA” NO GOVERNO MILITAR Silvano Ferreira de Araújo  https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219078	
CAPÍTULO 9	67
A PARTICIPAÇÃO DAS FAMÍLIAS NO PROCESSO DE APRENDIZAGEM COM O USO DAS TERTÚLIAS DIALÓGICAS EM CONTEXTO DE PANDEMIA Deusilene da Silva Nascimento Marques Dilsilene Maria Ayres de Santana  https://doi.org/10.22533/at.ed.8482219079	
CAPÍTULO 10	76
O ESTÁGIO SUPERVISIONADO OBRIGATÓRIO NAS LICENCIATURAS EM UMA UNIVERSIDADE PÚBLICA DO PARÁ: DESRESPEITO ÀS ESPECIFICIDADES DA DOCÊNCIA Lucineide Soares do Nascimento  https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190710	
CAPÍTULO 11	88
MOBILIZAÇÃO DE SABERES NO PIBID: REFLEXÕES SOBRE A RESSIGNIFICAÇÃO DA TEORIA NA PRÁTICA DOCENTE Chrisley Bruno Ribeiro Camargos Mônica Lana da Paz  https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190711	
CAPÍTULO 12	107
ANÁLISE DA QUALIDADE NA EDUCAÇÃO SUPERIOR A DISTÂNCIA NA UFPI À LUZ DO ENADE Marcus Vinícius de Sousa Lopes Jairo de Carvalho Guimarães  https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190712	
CAPÍTULO 13	121
DO REAL AO IMAGINÁRIO: A MEDIAÇÃO E AS EXPERIÊNCIAS DA INFÂNCIA Cristiane Schmitt  https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190713	
CAPÍTULO 14	128
O RESPEITO E A VALORIZAÇÃO DA DIVERSIDADE CULTURAL: A LITERATURA INDÍGENA NA SALA DE AULA Geovana Laura da Silva Souza Banjaqui Nhaga  https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190714	

CAPÍTULO 15..... 139

UMA POSSÍVEL ANCESTRALIDADE DO OFÍCIO DE MESTRE-ESCOLA

Maria Alveni Barros Vieira

Ymélia de Lima Verçosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190715>

CAPÍTULO 16..... 151

DESAFIOS DO ENSINO REMOTO NO PROGRAMA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA:
UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO SUBPROJETO INTERDISCIPLINAR DE LÍNGUA
PORTUGUESA

Elenita Chuproski

Giane Regina Ivancheski

Letícia Michalowski

Luciano Golub Wesselovicz

Paula Elisiane Ribeiro

Rodrigo Augusto Kovalski

Sérgio de Andrade

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190716>

CAPÍTULO 17..... 159

PROGRAMA PNAIC NO AMAZONAS: UMA EXPERIÊNCIA DE FORMAÇÃO
CONTINUADA DE PROFESSORES DO ENSINO BÁSICO EM AMBIENTE VIRTUAL

Maria Ione Feitosa Dolzane

Zeina Rebouças C. Thomé

Jéssica Amaral Moraes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190717>

CAPÍTULO 18..... 170

A UTILIZAÇÃO DOS JOGOS COOPERATIVOS NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO
ENSINO FUNDAMENTAL DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE KENNEDY-ES

Bruna Meneguelli da Hora Ferreira

Marcus Antônio da Costa Nunes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190718>

CAPÍTULO 19..... 182

A PANDEMIA E A CONJUNTURA DE CRISE NO FUNCIONAMENTO DO ENSINO
SUPERIOR EM MOÇAMBIQUE: IMPLICAÇÕES E DESAFIOS DO ENSINO COM
RECURSO AOS MEIOS DIGITAIS

Albino Alves Simione

Pedro José Zualo

Benedito Jaime Monjane

Domício Moisés Guambe

António Francisco Sefane

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190719>

CAPÍTULO 20	204
DISLEXIA NO AMBIENTE ESCOLAR: SINAIS DE TRANSTORNO DISLÉXICO EM CRIANÇAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL	
Tatinês de Melo Araújo	
Corina Fátima Costa Vasconcelos	
Jadson Justi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190720	
CAPÍTULO 21	218
POR ENTRE CURRÍCULOS, FORMAÇÕES E CINEMA: “ARTES DE FAZER” DE PROFESSORES NA INVENÇÃO DOS COTIDIANOS DE ESCOLAS	
Danielle Piontkovsky	
Maria Regina Lopes Gomes	
Letícia Regina Silva Souza	
Tamili Mardegan da Silva	
Maria Riziane Costa Prates	
Marcela Fraga Gonçalves Campos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190721	
CAPÍTULO 22	219
<i>INVENCIONICES</i> CURRICULARES, FORMATIVAS E DIDÁTICAS: PRÁTICAS DOCENTES COMO ARTES DE FAZER COTIDIANAS	
Danielle Piontkovsky	
Maria Regina Lopes Gomes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190722	
CAPÍTULO 23	230
<i>PRATICAS POLÍTICAS</i> DOCENTES QUE ATRAVESSAM OS PROCESSOS FORMATIVOS	
Letícia Reginna Silva Souza	
Tamili Mardegan da Silva	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190723	
CAPÍTULO 24	241
CINEMA E EDUCAÇÃO: <i>ESPAÇOSTEMPOS</i> ÉTICO-ESTÉTICOS DE APRENDIZAGEM E PROBLEMATIZAÇÃO DA AMIZADE E DA ALEGRIA NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES	
Maria Riziane Costa Prates	
Marcela Fraga Gonçalves Campos	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.84822190724	
SOBRE OS ORGANIZADORES	253
ÍNDICE REMISSIVO	254

CRIANÇAS DE QUATRO ANOS PENSAM SOBRE A ESCRITA! NÃO PENSAM?

Data de aceite: 04/07/2022

Carla Melissa Klock Scalzitti

Grupo de Pesquisa GEALE – Grupo de Estudo sobre a Aquisição da Linguagem Escrita, na linha de pesquisa Cultura escrita, linguagens e aprendizagem

Professora do UNIVAG – Centro Universitário de Várzea Grande e Consultora de Alfabetização do Estado de Mato Grosso no programa ALFABETIZA/MT

RESUMO: Este artigo tem como objetivo problematizar uma atividade desenvolvida na escola com crianças da Educação Infantil, envolvendo atividades de realismo nominal como aspecto do seu desenvolvimento cognitivo relevante para o aprendizado da linguagem escrita. A pesquisa ocorreu em uma escola municipal de Várzea Grande/MT, participaram 25 crianças de 4 anos e a professora da turma. Este trabalho tem por base teórica os estudos de Ferreiro e Teberosky (1999); Carraher (1986); Lamprecht (2004, 2009) por privilegiar o trabalho com a escrita. Os resultados preliminares evidenciaram que as crianças estão, segundo Carraher (1986), no nível primitivo, porque para os sujeitos as palavras devem possuir as mesmas características dos objetos que a representam. A ludicidade e a brincadeira estiveram presentes nas atividades propostas, sem assim, descaracterizar a infância, mas respeitando o direito garantido na legislação de ter contato significativo e reflexivo com os bens culturais, bases desse trabalho: linguagem oral

e escrita.

PALAVRAS-CHAVE: Educação Infantil. Realismo Nominal. Linguagem Escrita.

ABSTRACT: This paper aims at problematizing a literacy task that characterizes children's thoughts which make them show difficulties in dissociating signs from things signified (Piaget, 1962). The task was conducted in a school with children who attend Early Childhood Education and develop activities of nominal realism as a relevant part of their cognitive development in written language. The study was carried out with 25 4-year-old children and their teacher in a city preschool in Várzea Grande, Mato Grosso (MT) state, Brazil. Its theoretical basis consists of studies conducted by Ferreiro and Teberosky (1999), Carraher (1986) and Lamprecht (2004, 2009) in which they encourage writing. Preliminary results have shown that children are at the primitive level, in agreement with Carraher (1986), since they believe that words must have the same characteristics of objects that represent them. Playfulness and games were part of the proposed tasks to keep the characteristics of childhood and respect the right ensured by the legislation, which is significant contact with both cultural assets that are the bases of this study: oral and written language.

KEYWORDS: Early Childhood Education. Nominal Realism. Written Language.

1 | INTRODUÇÃO

Ao falarmos sobre a linguagem escrita na Educação Infantil percebemos várias reações como perplexidade, indignação, curiosidade e, principalmente, nos é feito alguns questionamentos: Ensinar a ler e escrever na Educação Infantil, para quê? As crianças estão maduras para isso? Elas não têm tantas outras coisas para aprender? Será que com 4 anos, as crianças, pensam sobre a escrita?

Esquecemos que as respostas para estas perguntas já existem, quando pensamos que as crianças estão inseridas em uma sociedade grafocêntrica, e que as escolas têm em seu currículo, assim como, sugere a Base Nacional Comum Curricular a linguagem escrita como um dos direitos dos fazeres da Educação Infantil.

Por este motivo, a linguagem escrita deve ser discutida não como um momento em que a infância pode ser tolhida, mas como um momento em que a escola continua desenvolvendo o que as crianças já começaram a aprender sobre a linguagem escrita em seu cotidiano.

O objetivo deste texto é problematizar uma atividade desenvolvida na escola com crianças de 4 anos da Educação Infantil, envolvendo atividades de realismo nominal como aspecto do seu desenvolvimento cognitivo relevante para o aprendizado da linguagem escrita. Traremos discussões sobre o que as crianças de 4 anos pensam sobre a linguagem escrita, e de que maneira manifestam esse saber que está inserido em uma sociedade em que as letras participam de muitas das suas vivências e, que o ler e o escrever façam parte do brincar como ferramenta para o desenvolvimento das atividades propostas na Educação Infantil, e assim sendo possibilidade de tornar-se mais um recurso para que a brincadeira também possa acontecer de maneira reflexiva.

Para responder ao nosso objetivo optamos por uma pesquisa de abordagem qualitativa e de caráter participativo. O trabalho de campo envolveu 20 crianças de 4 anos e a professora da turma, em uma escola municipal de Várzea Grande/MT. Sendo esta pesquisa iniciada em março e finalizada em novembro de 2016.

Este trabalho tem por base teórica e metodológica os estudos bibliográficos de Ferreiro e Teberosky (1999); Carraher (1986); Piaget (1967) por privilegiar o trabalho com a escrita e apropriação dos conceitos da linguagem escrita, conhecimentos epilinguísticos, sensibilização fonológica, realismo nominal.

Iremos, primeiramente, conceituar o significado de realismo nominal, conhecimentos epilinguísticos e sensibilização fonológica, para posteriormente situar de que criança e de que escrita falamos, e por fim para que possamos refletir sobre a forma como as crianças, da pesquisa, se relacionaram com este bem cultural. Propomos uma orientação para o trabalho pedagógico envolvendo a linguagem escrita em um contexto significativo para as crianças de 4 anos da Educação Infantil.

Mesmo com vários documentos do Ministério da Educação e do Desporto – MEC, o

Referencial Curricular para a Educação Infantil (RCNEI, 1998) e, em especial, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (Parecer CNE/CEB 20/2009 e Resolução CNE/CEB Nº 5/2009) que auxiliam a professora da Educação Infantil a ser autora de sua prática pedagógica. Percebemos a necessidade em discutirmos sobre o eixo aprendizagem linguagem oral e escrita na Educação Infantil, e as pesquisas, nesta área, devem ser incentivadas, por ser um assunto relevante e atual, assim como, as discussões sobre as concepções e práticas que a permeiam, e estas devem ser impulsionadas por todas as esferas tanto nacionais, estaduais como municipais.

A discussão sobre a escrita tem ganhado espaço entre os educadores e, em especial, nas escolas de Educação Infantil, e é, por isso, que temos a intenção de propor o estudo para identificarmos quais as concepções das crianças sobre a escrita, e em que nível de realismo nominal, segundo Carraher e Rego (1981), se encontram as crianças de 4 anos e, assim, colaborar para que ampliem a capacidade de focalizar a palavra enquanto sequência de sons.

2 | REALISMO NOMINAL, CONHECIMENTOS EPILOGUÍSTICOS E SENSIBILIZAÇÃO FONOLÓGICA

Realismo nominal segundo Piaget (1967 citado por CARRAHER e REGO, 1981, p. 34) se refere a um determinado estágio do desenvolvimento cognitivo. A criança não consegue conceber a palavra e o objeto a que se refere como duas realidades distintas, ou seja, a palavra acompanha o tamanho do que ela representa, da aparência ou da utilidade dos objetos, seres ou estados que designam.

Segundo Carraher e Rego (1981) existem três níveis de realismo nominal: primitivo, intermediário e avançado.

As atividades de realismo nominal também colaboram para auferir que as crianças possuem conhecimentos epilinguísticos, “a percepção da criança da agramaticalidade de uma frase, ou sua reação diante de distorções de palavras conhecidas” (MALUF e GOMBERT, 2008, p. 125).

As atividades epilinguísticas são intuitivas, espontâneas, e podem ser praticadas o tempo todo na sala de aula, desde que tenha como intencionalidade a reflexão da língua, das palavras, dos sentidos que elas adquirem em dada situação e em contexto de uso, isto é, em situações reais de interação comunicativa. Muitas atividades de reflexão epilinguística podem ser trabalhadas com as crianças de 4 anos por meio de brincadeiras. Como por exemplo, brincar com rimas, aliterações e palavras, fazer trocadilhos, jogos com palavras do campo lexical.

A consciência fonológica é a capacidade de segmentar as palavras em sílabas e fonemas e, de tomar a língua como “objetivo de reflexão e análise, dissociando-a de seu uso habitual como meio de interação” (SOARES, 2016, p. 125). É a capacidade de refletir

sobre a estrutura sonora da palavra.

Desta forma, a consciência fonológica desenvolve a consciência metalinguística:

Além de usar a linguagem para atender nossos propósitos comunicativos, podemos tomá-la como objeto de reflexão e assumir diante dela uma atitude metalinguística. Entre várias dimensões metalinguísticas, uma, que é fundamental para que um aprendiz se alfabetize, é a capacidade de refletir sobre os segmentos sonoros das palavras que pronunciamos, isto é, a consciência fonológica. Tal consciência é um conjunto de habilidades variadas. Variam quanto à operação mental que o aprendiz realiza: pronunciar um a um os segmentos que compõem a palavra, contar, identificar ou produzir “partes sonoras” parecidas, adicionar ou subtrair segmentos sonoros. Variam quanto ao tamanho do segmento sonoro, que pode ser uma rima (mato/gato), uma sílaba (cavalo, casaco) ou um fonema (sapo, c). E variam, ainda, quanto à posição (início, meio, final) em que aparecem nas palavras (MORAIS, 2017, p.38).

A consciência metalinguística, conforme Soares (2016, p. 125), não exprime apenas os processos linguísticos, mas relacionam-se com os diversos e diferentes aspectos da língua, como também, os processos cognitivos das crianças.

Mediante a tudo isso, para este trabalho utilizou-se o termo ‘sensibilização fonológica’, já que estamos trabalhando com crianças de 4 anos. A consciência metalinguística envolve a reflexão consciente sobre vários aspectos da língua, por esse motivo denominamos o trabalho inicial de desenvolvimento de habilidades linguísticas com essas crianças de ‘sensibilização fonológica’.

3 | DE QUE CRIANÇA ESTAMOS FALAMOS?

O sentimento de infância e de criança foi e é construído historicamente. Pelos acontecimentos históricos essa etapa da vida traz fortes indícios de como a humanidade demorou a conceber que em cada criança existe, antes de tudo, um sujeito reflexivo e de direito, em especial, direito de ser criança. Portanto, não se justifica mais cultivar a prática educativa pela visão de criança como um ser — sem fala, folha em branco, adulto mirim, muito menos como uma estatística mundial enganosa ou uma camada social susceptível a um sentimento de exclusão.

A palavra infância tem origem do latim (in) que tem como escrita in-fans e como tradução o sem fala, sem razão, pois o sufixo in dá sentido de negação e fans origina-se do verbo faris, falar. Só que esse conceito nem sempre foi tratado assim. A configuração de infância enquanto categoria social, segundo Ariès (1981, p.70), começou a ser declarada e ganhou espaço entre os séculos XVIII e XIX. A partir de meados do século XII até o século XVIII, relatos e escritos de determinados momentos do contexto histórico favorecem a compreensão no que diz respeito ao entendimento das pessoas em relação às fases da infância. Segundo o autor, uma concepção existente era a de que

[...] a primeira idade é a infância que planta os dentes, e essa idade começa quando nasce e dura até os sete anos, e nessa idade aquilo que nasce é chamado de infante (criança), que quer dizer não falante, pois nessa idade a pessoa não pode falar bem nem formar perfeitamente suas palavras [...]. (ARIÈS, 1981, p. 36).

Podemos observar que existem “infâncias” e que as crianças viveram, vivem e viverão diversos momentos históricos e estes também irão definir formas diferentes em ver a criança, sua relação com o mundo, e conseqüentemente, com a linguagem escrita.

Perceber que a criança e a escola mudam historicamente e que os bens culturais também, é assumir uma postura pedagógica de não sonegar conhecimento, isto é, entendendo que o ensino da linguagem escrita deve acontecer de maneira reflexiva e contextualizada partindo dos conhecimentos, mesmo implícitos demonstrados nos comportamentos epilinguísticos das crianças.

Paula, Correa e Spinillo (2012, p. 162 citador por SOARES, 2016, p. 127) nos elucida que:

[...] os conhecimentos implícitos seriam aqueles que não são suficientemente abertos para a reflexão consciente, controle deliberado e explicitação verbal, estando mais relacionados a um conhecimento tácito da língua do que a um domínio consciente de suas propriedades.

As crianças, em seu cotidiano, já possuem vários contatos com a escrita, mas sabemos que a escola é a instituição eleita para que o ensino da escrita aconteça, como nos afirma Soares (1998, p. 21) “a escolarização é um processo inevitável, porque é da essência mesma da escola, é o processo que a institui e que a constitui”. Desta forma, a escola deve ter a sensibilidade de resgatar os conhecimentos trazidos pela criança.

Segundo Bosi (2007, p. 43) “o objeto do olhar e modo de ver são fenômenos de qualidade diversa; é o segundo que dá forma e sentido ao primeiro” e a escola deve assim ver a criança e a linguagem escrita.

A criança possui uma bagagem cultural dessa sociedade letrada, além desses conhecimentos, a escola não pode esquecer-se de ver esse sujeito, como um ser autoral, participativo, reflexivo. E essa língua é dinâmica e a criança entra na escola atravessada¹ por ela.

4 | DE QUE ESCRITA ESTAMOS FALANDO?

Aprender a ler e a escrever não é um processo natural como o falar, como professores, temos o entendimento que é uma tarefa complexa, que envolve competências cognitivas, psicolinguísticas, perceptivas, espaços temporais, grafomotoras e afetivo-emocionais.

Partimos do conceito, neste artigo, que a criança para identificar o princípio alfabético deve iniciar percebendo a função social da escrita e, que os objetos, animais e as pessoas

¹ Atravessada no sentido de transpassada, passada por entre esse conhecimento.

também podem ser representados pelas letras e, assim ser capaz de analisar e refletir sobre a mesma.

Para compreendermos como a criança entende a linguagem escrita, partimos do estudo de Carraher e Rego (1981) sobre realismo nominal com crianças de 4 anos para que, nós professores, consigamos perceber se a criança concebe como a fala está representada no sistema de escrita alfabética, que além da oralidade e do desenho existe uma outra forma de representar as coisas do mundo, no caso, a escrita.

Evidenciamos que as atividades de realismo nominal não se caracterizaram como “facilitador” da aprendizagem da leitura e da escrita, menos ainda, como atividades de “prontidão” para a alfabetização e, sim, colaboraram para transportar as crianças a desenvolver a análise de propriedades das palavras, refletindo sobre suas formas orais e escritas, mas fazê-lo sem insistir sobre fonemas isolados (MORAES, 2004, p. 190), percebemos quais habilidades parecem se desenvolver durante o percurso que leva a criança a compreender, a refletir sobre o sistema de escrita.

As crianças de um modo geral recorrem à oralidade para fazer várias hipóteses sobre a escrita, mas usam também a escrita, dinamicamente, para construir uma análise da própria fala (ABAURRE, 1988, p. 40).

Foram desenvolvidos jogos e brincadeiras para que as crianças percebessem as imagens e seus respectivos nomes, comparando-os o tamanho da figura com a escrita das palavras que as representavam.

5 | PESQUISA DE CAMPO: COMO AS CRIANÇAS PENSAM SOBRE A LINGUAGEM ESCRITA

O trabalho de campo ocorrido com as 20 crianças de 4 anos e a professora da turma, em uma escola municipal de Várzea Grande/MT, utilizou-se de uma atividade de realismo nominal com o objetivo de perceber o desenvolvimento cognitivo da criança, o que se faz relevante para o aprendizado da linguagem escrita.

A proposta de atividade contribuirá com discussões sobre o que as crianças de 4 anos pensam sobre a linguagem escrita.

Por julgarmos uma estratégia importante para colaborar no desenvolvimento do trabalho sobre a reflexão com a escrita, aplicamos a atividade de realismo nominal em 20 crianças de 4 anos², utilizando-nos da experiência de Carraher e Rego (1981).

Esta pesquisa teve início em março de 2016, no qual entramos em uma sala de aula com crianças de 4 anos que haviam iniciado o ano letivo a apenas 1 mês. Neste momento, todos os sujeitos pesquisados manifestaram ausência dos conhecimentos epilinguísticos, mesmo tendo utilizado os seus conhecimentos prévios.

Durante o ano letivo, desenvolvemos atividades de sensibilização fonológica com essa turma, como rimas e aliterações, consciência de palavras e consciência silábica. Com

² Essas atividades foram realizadas por meio da ludicidade.

o intuito de expor às crianças as essas atividades para ampliar sua consciência fonológica.

Em novembro, voltamos a aplicar atividades de realismo nominal e o resultado que encontramos foi: das 20 crianças pesquisadas, 5 utilizaram apenas os conhecimentos prévios, 10 estão no nível primitivo de realismo nominal e 5 no nível intermediário. Como aplicamos a atividade em uma sala com crianças de 4 anos, não encontramos crianças com o nível de realismo nominal avançado.

Segundo Carraher e Rego (1981) as crianças que se encontram no nível primitivo são:

Ao compararem pares de palavras quanto ao tamanho e à semelhança mostravam-se incapazes de focalizar a palavra enquanto sequência de sons independentes do seu significado (CARRAHER e REGO, 1981, p. 35).

Abaixo descrevemos um recorte da atividade desenvolvida com uma criança no nível primitivo e outra no nível intermediário sucessivamente, extraído dos nossos protocolos:

Criança R

P- Me fala uma palavra pequena.

R – CHAPÉU E BONÉ.

P – Me fala uma palavra grande.

R – Meupaitemumcarropreto.

P – Por que boné é uma palavra pequena e meupaitemumcarropreto é uma palavra grande?

R – Porque o carro do meu pai é maior que o boné.

Criança F

P- Me fala uma palavra pequena

F – Pé

P – Me fala uma palavra grande

F – Dinossauro

P – Por que pé é uma palavra pequena e dinossauro é uma palavra grande?

F – Porque dinossauro tem muitas palavrinhas

No primeiro *corpus*, o aluno R demonstra que a palavra acompanha o tamanho do objeto, neste caso “carro”, mas também nos demonstrou que palavras do mesmo campo lexical representam palavras pequenas, esta manifestação nos leva a acreditar que há presença de comportamento epilinguístico.

No segundo, o aluno F identifica que a palavra “dinossauro” é grande por possuir mais sílabas ou letras que a palavra “pé”. Percebemos que o aluno F demonstra a capacidade de identificar que a palavra precisa de letras, a qual chamou de “palavrinhas”. Assim, o aluno evidenciou haver desenvolvido a sensibilização fonológica, apresentando, respostas em que confirma ter percebido a palavra enquanto sequência de som.

6 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os dados aqui recortados parecem apontar significativamente para a existência de uma correlação mais efetiva entre tipo de processo de aproximação com a cultura escrita e a sequência de som que representam à escrita, a qual denominamos de sensibilização fonológica, por iniciarmos o processo na Educação Infantil, já que, como pudemos verificar, de algum modo, processos globais terminam por se debruçar sobre o caráter segmental da escrita alfabética, sobretudo por ocasião da produção escrita em muitas das salas de Educação Infantil.

Nossos resultados, mesmo que parcial, depõem em favor da existência de uma correlação mais significativa entre domínio da língua escrita e determinados tipos de habilidades metafonológicas, partindo dos conhecimentos epilinguísticos da língua já trazidos pela criança, em um possível nível de sensibilidade fonológica, e de demonstrar uma capacidade de focalizar a palavra enquanto sequência de sons em especial neste trabalho.

Os resultados preliminares evidenciam a importância de vislumbrar como as crianças percebem a escrita, e a partir dos dados coletados nortear o trabalho na Educação Infantil significando a linguagem escrita.

Enfatizamos aqui o papel de facilitador do professor no processo de ensinar a refletir sobre a língua, e de que ao levantar dados sobre o que as crianças sabem sobre a escrita é possível propor atividades que considerem como a criança aprende.

REFERÊNCIAS

ABAURRE, Maria Bernardete. Os estudos lingüísticos e a aquisição da escrita. **Anais do II Encontro Nacional sobre Aquisição da Linguagem**. Porto Alegre: PUCRS, 1998.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981. p. 279

BOSSI, Alfredo. **Machado de Assis – o enigma do olhar**. Martins Fontes, 4ª edição – SP, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. **Parecer CNE/CEB Nº 20**, de 11 de novembro de 2009. Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CEB Nº 5**, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Brasília: MEC/CNE/CEB, 2009.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. (Volumes 1, 2 e 3).

CARRAHER, Terezinha Nunes (org.), REGO, Lúcia Lins Browne. **Aprender pensando – contribuições da psicologia cognitiva para a Educação**. 2ª edição. Editora Vozes Ltda. Petrópolis, RJ – 1986.

MORAIS, Arthur Gomes de. Glossário <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/realismo-nominal>

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Tradução de Diana Myriam Lichtenstein et al. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999

LAMPRECHT, Regina. **Aquisição fonológica do Português: Perfil de desenvolvimento e subsídios para terapia**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

_____. **Fixando o olhar na vidraça**. In: LAMPRECHT, Regina [et al.]. *Consciência dos sons da língua: subsídios teóricos e práticos para alfabetizadores, fonoaudiólogos e professores de língua inglesa*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2009.

MORAIS A. G. **A apropriação do sistema de notação alfabética e o desenvolvimento de habilidades de reflexão fonológica**. *Letras de Hoje*, Porto Alegre, v. 39, n. 3, p. 35-48, 2004.

PIAGET, J. **The Child's Conception of the World**. Totowa, NJ: Littlefield Adams, 1967.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

_____. **Alfabetização: as questões dos métodos**. São Paulo. Contexto, 2016.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Ambiente virtual 116, 159, 162, 166, 167, 168

Análise do comportamento 20, 21, 22, 23, 25, 26

Anos iniciais do ensino fundamental 26, 204, 205, 206

Antiguidade 139, 141, 142, 148, 149

Aprendizagem 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 14, 17, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 40, 47, 49, 52, 64, 67, 68, 70, 71, 73, 74, 75, 91, 92, 97, 98, 100, 102, 103, 104, 105, 111, 116, 121, 122, 123, 125, 126, 127, 144, 151, 152, 153, 159, 160, 161, 162, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 175, 176, 180, 181, 182, 184, 185, 186, 187, 189, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 227, 234, 235, 241, 242, 243, 245, 246, 249, 251, 252

Avaliação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 20, 22, 23, 24, 25, 26, 68, 83, 90, 95, 102, 108, 109, 111, 112, 115, 118, 119, 120, 175, 189, 200, 210, 211, 214, 215, 216, 234, 235

C

Ciências 12, 20, 26, 30, 32, 33, 37, 39, 41, 42, 80, 86, 93, 94, 128, 149, 182, 202, 203, 221, 253

Contexto remoto 151, 156

Cotidianos 218, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 236, 237, 238, 239, 240

Crise sanitária 182, 183, 189, 195, 200, 201

Currículos 4, 7, 14, 22, 91, 99, 104, 157, 218, 219, 220, 221, 222, 224, 226, 227, 228, 230, 232, 239, 240, 252

D

Dislexia 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Diversidade 18, 76, 77, 117, 128, 131, 133, 134, 135, 136, 137, 168, 172, 177, 203, 224, 246

Docente 1, 2, 4, 5, 6, 7, 24, 37, 39, 40, 41, 43, 44, 59, 67, 70, 79, 80, 82, 83, 84, 86, 87, 88, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 140, 150, 152, 153, 157, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 200, 201, 202, 220, 223, 227, 228, 230, 233, 234, 238, 239, 240, 248, 253

E

Educação bancária 12, 13, 14

Educação física 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 170, 172, 173, 174, 177, 178, 179, 181, 226

Educação infantil 10, 12, 45, 47, 48, 49, 54, 121, 122, 126, 127, 181, 215, 241, 246, 250, 252

Educação superior a distância 107, 109, 119

ENADE 107, 108, 109, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 119, 120

Energia nuclear 30, 32, 34, 35, 37, 38, 39, 41, 42

Ensino 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 33, 37, 39, 41, 42, 44, 45, 51, 56, 59, 63, 65, 66, 67, 68, 71, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 89, 91, 92, 93, 97, 100, 101, 102, 104, 105, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 128, 135, 140, 141, 142, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 159, 160, 167, 168, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 211, 212, 214, 215, 216, 218, 219, 220, 227, 230, 231, 232, 239, 241, 253

Ensino fundamental 4, 5, 26, 27, 29, 44, 128, 142, 151, 152, 153, 157, 158, 170, 171, 172, 173, 174, 180, 181, 204, 205, 206, 211, 216, 218, 219, 220, 241

Ensino superior 76, 77, 80, 105, 107, 108, 110, 111, 112, 118, 119, 120, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 253

Ensino-aprendizagem 20, 21, 22, 23, 25, 26, 92, 111, 116, 171, 175, 182, 185, 186, 187, 193, 195, 200, 201, 205, 212, 214, 227

Escola 1, 3, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 14, 24, 26, 27, 28, 29, 37, 40, 41, 42, 43, 47, 48, 51, 52, 63, 65, 67, 68, 71, 72, 73, 77, 80, 84, 86, 93, 94, 97, 121, 122, 123, 126, 128, 130, 134, 135, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 152, 155, 157, 158, 168, 171, 172, 174, 176, 177, 180, 181, 208, 209, 210, 211, 216, 217, 223, 224, 225, 226, 228, 232, 234, 236, 237, 239, 242, 243, 245, 246, 247, 248, 250, 251

Estágio supervisionado obrigatório 76, 77, 80, 83, 85

Estudantes 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 27, 28, 29, 43, 44, 45, 83, 89, 92, 95, 96, 108, 109, 111, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 147, 182, 183, 184, 185, 186, 188, 189, 190, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201, 205, 206, 209, 210, 211, 212, 214, 219, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 242, 243, 246, 247

F

Famílias 28, 29, 67, 68, 71, 72, 121, 122, 123, 126, 141, 144, 145, 147, 193

Formação de professores 1, 20, 23, 26, 56, 57, 72, 76, 80, 81, 84, 86, 89, 92, 101, 105, 150, 151, 159, 175, 216, 220, 228, 230, 231, 232, 233, 234, 235, 239, 241, 242, 248, 251, 252, 253

H

História 12, 13, 18, 25, 28, 31, 32, 34, 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 54, 56, 57, 58, 59, 60, 65, 66, 78, 79, 89, 123, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 135, 137, 139, 140, 141, 142, 149, 150, 210, 228, 240, 244, 245, 248, 249, 250, 251

Humanizada 12, 200

I

Imprensa periódica 56, 58, 65

J

Jogos cooperativos 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 181

L

Língua portuguesa 1, 5, 24, 26, 61, 81, 149, 151, 153, 154, 155, 190

Linguagem escrita 47, 48, 51, 52, 54, 217

Literatura indígena 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 137, 138

M

Medievos 139

Mudanças 1, 6, 25, 27, 28, 60, 77, 108, 111, 143, 146, 157, 171, 182, 184, 186, 187, 188, 193, 199, 200, 245

O

Opressor 12, 14, 16, 18

Oprimido 12, 14, 15, 16, 18, 19

P

Pandemia 27, 28, 36, 44, 67, 151, 152, 156, 157, 173, 179, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 196, 198, 199, 200, 201, 202, 203

Pedagogia histórico-crítica 30, 32, 42

Pedagogia libertadora 12, 16

PIBID 67, 68, 69, 70, 71, 72, 74, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 253

Prática docente 24, 39, 40, 41, 59, 84, 88, 90, 92, 93, 94, 98, 99, 101, 102, 103, 104, 173, 174, 180, 202, 223, 239

Professor 1, 3, 8, 9, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 30, 40, 41, 43, 44, 54, 61, 62, 67, 68, 70, 71, 73, 78, 82, 83, 84, 89, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 103, 105, 110, 116, 121, 122, 128, 129, 130, 133, 136, 140, 141, 142, 151, 152, 153, 154, 155, 157, 158, 168, 173, 174, 176, 177, 178, 179, 181, 189, 193, 197, 200, 204, 206, 211, 212, 213, 214, 216, 223, 226, 230, 231, 234, 235, 238, 239, 241, 248, 253

PROSUB 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42

Q

Qualidade 4, 5, 6, 7, 9, 10, 15, 51, 65, 72, 77, 79, 84, 85, 86, 92, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 118, 119, 120, 140, 141, 148, 153, 168, 173, 181, 185, 188, 194, 195, 198, 201,

212, 223, 231, 235

R

Realismo nominal 47, 48, 49, 52, 53

Residência pedagógica 76, 151, 152, 153, 157, 158

Respeito 5, 9, 13, 17, 21, 50, 56, 58, 68, 71, 73, 74, 77, 90, 94, 103, 104, 117, 124, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 136, 137, 138, 145, 153, 156, 172, 177, 200, 223, 226, 230, 231

Ressignificação 88, 90, 94, 95, 96, 99, 100, 101, 103, 104

Revistas pedagógicas 56, 59

S

Saberes docentes 23, 88, 92, 99, 106, 239

Sala de aula 8, 16, 22, 28, 29, 44, 49, 52, 84, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 117, 121, 123, 128, 129, 130, 134, 135, 136, 137, 138, 152, 156, 157, 158, 173, 174, 175, 176, 179, 180, 181, 185, 186, 192, 193, 197, 204, 212, 213, 225, 243, 247, 248, 249

T

Tertúlias dialógicas 67, 68, 71, 72, 73, 74

U

UFPI 61, 107, 108, 109, 110, 113, 118, 119

V

Valorização cultural 128

Valorização da docência 76, 78

Educação:

Políticas públicas, ensino e formação

IV



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022

Educação:

Políticas públicas, ensino e formação

IV



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 @atenaeditora
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2022